S U M Á R I O

CAPA — Um aspecto interessante da Praia da Rocha
FESTA OU TAREFA
O PAPA MARTIR
RAPARIGAS SÉRIAS — Qual é o teu ideal, filiada da Mocidade?
VIDAS QUE DURAM
O MILAGRE DOS CINZEIS
ALGARVE
O LAR — Voltamos às sopas!
NOTÍCIAS DA M. P. F.
GUIDA, RAPARIGA DE HOJE
TRABALHOS DE MÃOS — Sacas para amêndoas
PARA LER AO SERÃO — Uma Família Portuguesa, Chá da Costura e Cartas às Raparigas
COLABORAÇÃO DAS FILIADAS

OBRA DAS MÃIS PELA EDUCAÇÃO NACIONAL
«MOCIDADE PORTUGUESA FEMININA»

Direcção, Administração e Propriedade do Comissariado Nacional da Mocidade Portuguesa Feminina. — Redacção e Administração: Comissariado Nacional da M. P. F., Praça Marquês de Pombal, n.º 8 — Telefone 4 6134 — Editora Maria Joana Mendes Leal. — Arranjo gráfico, gravura e impressão da Neogravura, Limitada, Travessa da Oliveira, à Estrêla, 4 a 10 — Lisboa

BOLETIM MENSAL — ASSINATURA AO ANO, 12$00 — PREÇO AVULSO 1$00

Nº 59

MARÇO 1944

Regresso da venda

Foto: Fernando da Ponte e Sousa

FESTA OU TAREFA

ARECE que o mundo sofre cada vez mais, apesar de tôdas as receitas, de uma só coisa, para não dizer de um único mal — falta de almas —

falta de almas grandes.

Ausentaram-se do mundo as grandes almas.

E daqui vem tôda essa onda de mediocridade que avassala a nossa terra.

Vagas de pequenês de almas, atraz de vagas sucessivas de almas vulgares, a cada momento a invadirem tudo —

é o assalto da vulgaridade

a todos os sectores da vida.

Se ao menos não faltassem também os educadores da magnanimidade...

Mas também neste ponto a falência é total. E', antes, a cada passo, o convite e o empurrão — tudo e todos a convidarem e a empurrarem-nos para a vida barata, para o dia-a-dia sem alma, sem esfôrço, sem heroismo. Sofre tudo do

mal da mediocridade.

Na sua *Regra,* S. Bento escreveu:

«*Dai às almas fortes com que alimentem as ambições da sua generosidade.*»

Não faltam «almas fortes» — e nas fileiras da mocidade e da juventude, graças a Deus, há rapazes e raparigas capazes de grandes feitos — almas «ambiciosas» de virtude, de heroismo, de santidade até.

São aqueles e aquelas que uma vez meditaram a verdade desta palavra que alguém escreveu um dia:

«*Devotar-se pouco custa muito, mas devotar-se muito... custa pouco.*»

Venham para o meio da mocidade os galvanizadores da generosidade — os que levem a juventude para a Altura, e para os combates de onde se não regressa senão coberto de feridas — as feridas das lutas heróicas.

E não faltem também as que se oferecem generosamente para

cumprir até à última,

as pequenas e as grandes acções do — dever de estado — isto é: fazer da empreza da vida uma linda tarefa.

Não é uma festa, a vida, mas uma tarefa, nem sempre fácil de levar, mas sempre escola e oficina de Heroísmos.

Não foi nunca pelas sendas da vida banal, da vida em festa, que se chegou ao heroísmo — caminho real foi e será sempre a vida dura, a vida em tom de tarefa.

G. A.

O PAPA MÁRTIR

A Basílica de S. Pedro vista dos Jardins do Vaticano

Basílica de S. Pedro. As célebres colunas de Bernisa

TINGE de rubro a veste branca do Vigário de Cristo, o seu coração ulcerado.

Do mais alto calvário humano, Pio XII compartilha a torturante angústia dos povos e assiste à mais desvairada e sangrenta luta de irmãos. O Papa sofre a cruel desumanidade da guerra, que um rosário lúgubre de "horrores ind ziveis„ estende de lés a lés pelo mundo. Até Êle chegam, pungentes e aflitivos, os gemidos de vítimas inocentes, de povos aniquilados...

Com a humanidade em sangue, em fogo e faminta de pão e Verdade — de Caridade e Justiça — o Sumo Pontífice, como "Pai Comum„ de trezentos milhões de católicos, sofre, e o seu coração sangra de dor.

"Porque a dor nunca foi curta ou comprida
"só por si, mas apenas p'la medida
"que a mede, e que é o coração que a sente„.

Mãos erguidas ao Céu, implorando a paz, uma paz justa e duradoira, eis o gesto cruciante de ansiedade, que assinalará o doloroso pontificado de Pio XII.

A paz... Aspiração máxima da Sua alma mergulhada em Profunda tristeza. Por ela dia e noite trabalha a "sentinela vigilante criada por Deus para tutelar a família humana„. Assim, de mais alto e de muito longe, acima de quantas mesquinhas paixões, ódios e ambições terrenas, Pio XII, o "*Pastor angelicus*„ plana nas alturas: olhar sereno e límpido, íntimo e profundo conhecimento da alma humana, clarividência e previsão sobrenaturais. Inspira-o a fôrça e a chama do "amor de Cristo, que triunfa de tôdas as coisas„ movido por igual "amor por todos os povos sem distinção„. Junto de uns e de outros "o doce Cristo na terra„, imparcialmente, faz chegar o alento abundante da Sua palavra paternal, e condoída. Ainda, quanta vez acompanhada da liberalidade dum auxílio para aquêles que, longe dos seus lares em mísera tristeza, se finam martirizados — os prisioneiros.

O actual Pontífice tem a particularidade, tanto mais penosa quanto consoladora para muitos, de conhecer o velho e novo mundo: a América do Sul e do Norte, a Alemanha, a Polónia, a Roménia, a Jugoslávia, a França; nações hoje devastadas pela mais impertinente e progressiva técnica destruïdora. Em seu coração aumentará a mágoa de as saber arruinadas...

Só, sem armas, exércitos, nem territórios (o Estado do Vaticano mede apenas 44 hectares) no meio do mundo revolto, sem norte, ergue-se silenciosa a figura branca e magestosa do Condutor das almas — suprema autoridade espiritual — convidando as nações em luta à iniciativa urgente duma paz verdadeira, "início duma nova vida de reconciliação fraternal, concórdia e reconstrução„. E se acaso alguém, desvairado por certo, pôde ferir o centro da Catolicidade, teve de esconder-se, para que o sen nome não ficasse para sempre manchado e as gerações futuras se não envergonhassem dêle...

O Papa sofre, ora, implora do Céu a paz para o mundo.

"Coitadinho do Santo Padre, temos de pedir muito por Êle„.

É Jacinta a pequenita de Fátima que teve a sorte de ver com seus olhos terrenos a Virgem Santíssima, que assim fala e nos revela uma visão sobrenatural — anúncio de acontecimentos futuros:

"Eu vi o Santo Padre, numa casa muito grande, de joelhos diante duma mesa com as mãos na cara a chorar...„

Não seríamos nós boas portuguesas se não sentíssemos com o Papa a sua dor e de quantos sofrem pelo mundo.

A "devoção„ ao Papa é de raça — portuguesíssima. Ela é irmã gémea de Portugal, nascida no seu berço, são dois amores que a história traz ligados há oito séculos e hoje vimos magnificamente consagrados.

M. A. de Lemos Santos

I - RAPARIGAS SÉRIAS

QUAL É O TEU IDEAL, FILIADA DA MOCIDADE?

A que campo pertences ou desejas pertencer? Não podes ficar indiferente. Tens que escolher.

Preferes as raparigas que levam a vida a sério?

Raparigas que sabem o que querem e seguem a direito, os olhos postos num alto ideal; raparigas para quem o dever não é uma maçada e o prazer um delírio; raparigas simples, que vestem bem mas não dão nas vistas, que se compõem mas não se retocam como bonecas, que são amáveis sem serem fingidas, alegres sem serem estouvadas, modernas sem serem estravagantes; raparigas que não dão que falar mas se fazem estimar.

Ou agradam-te as raparigas frívolas que só se preocupam em se alindar? — e com que mau gôsto se afeiam! Invejas a sorte das raparigas mundanas que só anceiam por se divertir? — e tanto vez bocejam aborrecidas! Admiras as raparigas pretenciosas que se julgam superiores — e despertam sorrisos humilhantes?! Para que lado te inclinas, filiada da Mocidade? O que pedes à vida? O prazer?! O que esperas de futuro? O teu próprio triunfo?! O que exiges dos outros? O dom de si mesmos?!

Se assim é, andas muito enganada! Ouve...

Nas lojas onde se vendem objectos de luxo, satisfaz-se a vaidade, mas não se encontra a felicidade.

Nas casas de espectáculos, goza-se, ou esquece-se, durante uma horas — e nem sempre é certo! mas se levamos para lá o coração magoado ou vazio, nem a tristeza se muda em alegria, nem o coração se enche...

E enganadas andam também aquelas que põem a sua esperança de felicidade no poder de agradar. Flirts, namoros, aventuras! Parece-te que é aí que está a felicidade?

Não caias na ilusão de tantas raparigas que com essa idéia se pintam exageradamente, vestem imodestamente e tomam atitudes incorretas.

Para agradar, fazem calar a sua consciência cristã e fecham os ouvidos aos bons conselhos que lhes dão.

Pobrezinhas! Como vivem iludidas! Não queiras tu cair no mesmo engano.

O interêsse que despertam não é amor. Quantos flirts já tiveram? E ainda não vejo na sua mão o anel de noivado... A camarada dos divertimentos nem sempre é a preferida para companheira de vida. Os homens, para casar, gostam de raparigas sérias. Para se divertir, de raparigas frívolas.

Vais dizer-me que conheces casos de raparigas frívolas que casaram. Também eu os conheço. Mas espera uns anos. Foi feliz êsse enlace? É sólido êsse lar? Santa essa família?

Fazem-se muitos casamentos desacertados, é verdade; mas não vês também muito lar desfeito ou infeliz?

A rapariga que leva para o casamento só a sua frivolidade, o amor do mundo e dos prazeres, como poderá cumprir bem os seus deveres de dona de casa, de esposa e de mãe?

O casamento chama às realidades. E as realidades da vida desfazem muitas ilusões.

A vida é uma coisa séria! Quer tu acredites, quer não...

Não julgues que, esquivando-nos aos deveres austeros, transformamos a vida num jardim!

A vida não é um canteiro de flôres: é um caminho pisado pelos passos de milhões de homens que nos precederam levando a sua cruz.

Mas não julgues também que a vida séria tem mais pedras no caminho do que a vida frívola; pelo contrário, é mais lisa. Nem penses que seriedade é sinónimo de tristeza.

Seriedade e alegria não se opõem, antes se atraem.

A vida séria não é a vida em que se não ri; é até a vida em que se choram lágrimas menos amargas.

Numa vida séria encontra-se a paz de consciência e a satisfação do dever cumprido; o bem, o dever, o ideal, não dão insensibilidade para o prazer, são preparação para a alegria!

Experimenta. Depois dum dia útil e bem cheio pelo trabalho, a caridade, sentes-te alegre ou triste?

Alegre! Depois dum acto de vencimento próprio, de esforços para subir, sentes-te mais pequena ou maior? Maior! Não confundas vida séria com vida parada, tristonha, de horisontes acanhados.

Podes ser uma rapariga séria e gostar de brincar; uma rapariga séria e marcares pela tua elegância; uma rapariga séria e teres personalidade. Poderás ser até um bocadinho original...

Mas então?! Uma vida sem seriedade é aquela onde faltam a honestidade, a rectidão, os bons princípios.

Sê pura e simples, verdadeira e cumpridora dos teus deveres — e serás uma rapariga séria, embora sejas a mais risonha e vibrante de tôdas as raparigas!

COCCINELLE

Filiadas do Pôrto

VIDAS QUE DURAM!

SÃO as daqueles, que após a sua passagem na terra, ainda continuam a agir na humanidade pelo bem que fizeram. Quais semeadores incansáveis, lançaram à terra sementes de bondade, de inteligência, de perfeição, sementes que rendem pelos séculos fora, searas de precioso trigo, no património humano.

Vidas que duram! Vida dum Pasteur, escondido num laboratório austero, para encontrar remédios para os grandes males que afligem o corpo do homem e até para as doenças dos animais; vidas dum Branly, dum Marconi, a descobrirem leis físicas que haviam de revolucionar a ciência.

Vidas que duram! São as dum Padre Américo, a desbravar almas de rapazinhos, corrompidos pelo vício, para as tornar almas onde vive Deus; é a vida dum Estadista, que recebendo nas suas mãos varonis uma pátria doente, a tem tornado cada vez mais forte, cada vez mais jóvem, e pelo seu trabalho duma inteligência privilegiada, e pelo sacrifício duma alma de eleição, vai fazendo do nosso Portugal o país de que nos orgulhamos de ser filhos!

Ai daqueles que passam pelo mundo a fazer o mal. Mas também infelizes aqueles que passaram na terra sem deixar dêles alguma coisa que os fará continuar a *viver*, mesmo quando os nossos olhos já os não podem ver!

Dante, nas suas páginas imortais da Divina Comédia, coloca no círculo superior do inferno as almas daqueles que não fizeram, nem o bem, nem o mal. Não é uma verdade teológica, mas as almas dos poetas têm intuições divinas, e é bem certo que a Deus não podem agradar os que não são frios nem quentes!

Conta-se que um rapazinho se riu de ver um velho que estava a plantar uma pereira, e disse ao ancião: "Para que se está a estafar? Já não se chega a gozar do seu trabalho". E o velho respondeu: "Filho, estou a pensar nos meus netos, que um dia hão-de comer estes frutos e sentar-se à sombra desta árvore".

Êsse velho também tinha o ideal de não querer apenas ser útil aos outros durante os poucos anos que estamos na terra. E Santa Teresinha do Menino Jesus que disse: "Quero passar o meu céu a fazer bem na terra", conserva, na sua santidade, êste anseio humano de *se perpetuar* mesmo depois de acabar a vida terrena.

Mocidade Feminina Portuguesa, cheia de energia e de entusiasmo, preparai, desde a vossa juventude radiosa, o legado que deixareis às gerações futuras. Há um provérbio, não me recordo se é japonês ou chinês, que diz: "Para que a nossa vida tenha servido à humanidade, é preciso termos plantado uma árvore, ou escrito um livro, ou deixado filhos".

Não me parece que êsses ideais sejam sempre possíveis de realizar! Plantar árvores, bem poucas o faremos; ainda em menos número serão as que escrevem livros; e ser mãe também não é dado a tôdas.

Estava justamente a escrever estas pobres linhas, quando li qualquer coisa que aqui cabe bem.

A propósito de *Saüdade Nossa* — mais um mimo literário do nosso grande poeta António Corrêa d'Oliveira, oferecido por êle à memória da espôsa idolatrada, — li estas palavras: "D. Adelaide não deixo uuma obra escrita, mas, de tôda a sua existência fez um poema admirável de bondade e de beleza!"

Foi também *uma vida que dura*; vida que continua na saüdade que não morre no coração do esposo; vida que continua a inspirar o génio e a poesia tão elevada e pura dum grande escritor português: vida que ainda cantam enternecidos os corações gratos dos pobrezinhos que socorreu, e que ainda choram as almas dolorosas que tanto consolou.

M. C.

Baixo relêvo de Teixeira Lopes

O MILAGRE DOS CINZÉIS

HEROI religioso e santo dos mais queridos a quem conhece profundamente os seus feitos, o Condestável Nuno Alvares Pereira não é apenas das figuras fulgurantes da nossa História mas aquela que a Mocidade portuguesa, compreendendo-a melhor, segue de mais perto.

Nun'Álvares é a encarnação viva de Portugal eterno.

Dêle se ocupam os pequeninos Cruzados, festejando-o e aclamando-o entusiàsticamente. Dêle nos ocupamos todos na ânsia de ver triunfar a causa tão justa da sua canonisação.

E o seu culto alastra...

Em exuberante exemplo de amor Pátrio dá-nos a grande lição do valor guerreiro cheio de nobreza e lealdade.

Em santidade claramente manifesta, no trato que houve com amigos e inimigos, se têm inspirado poetas e artistas.

E nem só os mais exigentes cultores da moral têm que aprender dêle a caridade. O nome de Nuno Alvares — representante da Independência Pátria — sôa como um cântico de Aleluia em todo o Império português. Tem sido simultâneamente paixão de historiadores, glória de cronistas e tentação de grandes mestres da pintura e da escultura nacionais.

Quem pôs melhor devoção ao interpretar o Santo Condestabre?

E' difícil responder.

Não esqueceremos todavia o Milagre dos Cinzéis de Teixeira Lopes no tríptico a que podemos bem chamar Vida, Paixão e Morte do Cavaleiro do Céu, galopando entre anjos e nuvens em cavalgada sublime para Deus. Belo sonho de paz o guiou na guerra! Por isso ainda hoje, no barro maravilhosamente esculpido como na História melhor ou pior documentada, no espírito do povo como no coração da Pátria — Portugal pertence-lhe! Vencendo a própria morte — isto é, a vida que passa — Nuno Alvares continua a ser o nosso Grande Vencedor.

BERTA LEITE

Algarve

QUEREMOS dar convosco a volta a Portugal. Comecemos pelo Algarve. Tôdas as províncias portuguesas são belas na sua paisagem e interessantes nos seus costumes, mas o Algarve, apesar de ter sido o derradeiro bocado de terra a ser incorporado na nacionalidade portuguesa e de ser a mais pequena das nossas províncias, de modo algum é a menor em beleza.

O valor duma província não se avalia só em metros quadrados: desde as serras ao mar, o Algarve é uma jóia de valor inestimável.

Reparem nas fotografias de Portimão (1) e da Praia da Rocha (5). E' assim o mar, cheio de encanto, na costa algarvia.

Os rochedos da Praia da Rocha têm fama — e merecem-na. Mas igualmente lindas são as falaises que o sol doira e avermelha e que fazem um fundo de maravilha ao Oceano, dum azul sem par, que se estende em frente.

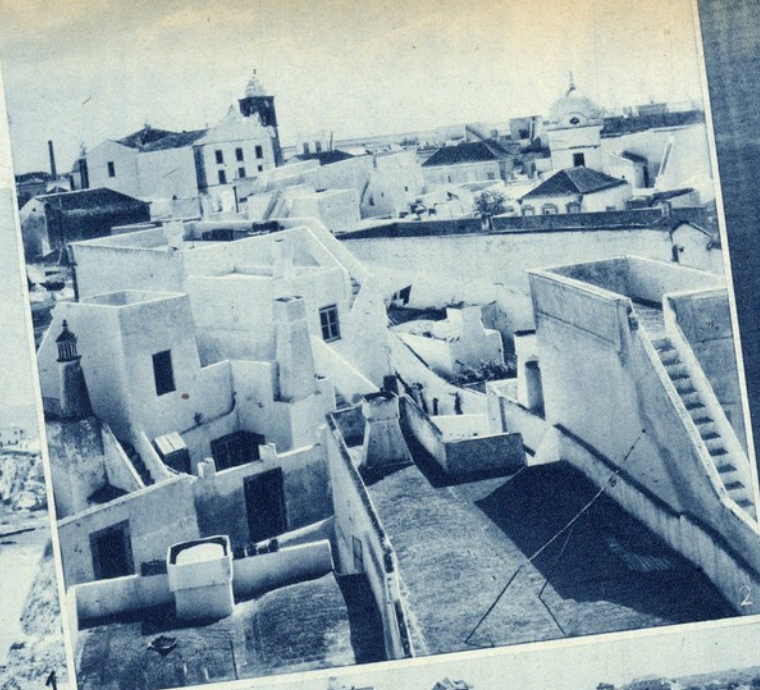
E o mar não é só beleza, é riqueza para o Algarve. A pesca do atum (4) faz viver muitos dos seus habitantes.

O atum é um grande peixe, que chega a pesar 150 kg. e cuja pesca oferece um espectáculo movimentado, que exige habilidade, fôrça e destreza.

Os costumes algarvios também são curiosos. Reparem nesse biôco (3), traje regional, já raro, mas tão interessante.

Hoje, as raparigas já se não escondem assim: dançam ao sol de cara descoberta, enquanto os rapazes tocam para elas bailarem. O «corridinho» é a dança regional do Algarve. (6).

O clima do Algarve é o melhor do país, no inverno. Menos frio, pouco nevoeiro e abrigado do vento norte. Porisso as amendoeiras lá florescem em pleno inverno, e como as amendoeiras são uma das grandes plantações da região, em Janeiro e Fevereiro o Algarve é um jardim florido.

As povoações do Algarve são também dignas de nota pela sua brancura e a elegância das chaminés. Embora de fugida, não podemos deixar de nos referir em especial a Olhão (2) a mais original das terras algarvias, que em vez de telhados tem açoteias (terraços), que lhe dão um aspecto marroquino.

Já dancei o "corridinho"
Desde Faro até Olhão.
Teus olhos fizeram ninho
Dentro do meu coração.

QUAL era a rapariga, antes da guerra, que julgando conservar assim uma figura ideal, tomava mais do que duas colheres de sopa ao jantar? Na verdade todos os jornais de modas aconselhavam essa prática. No entanto, agora dizem exactamente o contrário! O Ministério da Economia, de Inglaterra, publica, periòdicamente, uns conselhos, em todos os jornais. Na última revista que li aconselhava o uso das sopas... para se ganhar a guerra... E' que na verdade um bom prato de sopa sustenta muito e sai sensìvelmente mais barato de que outra coisa que se coma. Com as dificuldades que se encontram para comprar seja o que fôr, é uma grande solução dar duas vezes por dia sopa, ao almôço e ao jantar. E ninguém ficará mais gordo; trabalhando e andando a pé não há ocasião para isso.

Aqui têm umas receitas que são óptimas!

Sopa de tomates

Deita-se numa caçarola uma porção de azeite e duas cebolas grandes, cortadas às rodas. Põe-se ao lume e deixa-se alourar. Tira-se a pele e as sementes a quatro tomates grandes e desfazem-se bem. Quando a cebola está loura, deitam-se dentro e dois decilitros de água; vai-se deixando ferver uma hora, pouco mais ou menos. De vez em quando acrescenta-se com uma pouca de água. Depois de bem fervida junta-se-lhe a água precisa para oito pratos, sal, e deixa-se ferver. Cortam-se bastantes fatias de pão muito fininhas, deitam-se dentro da sopa e, fervendo um minuto, está pronta.

Sopa de rabo de boi

Cortam-se dois rabos de boi pelos nós e põem-se de môlho em água fria para tirar bem o sangue. Fregem-se em gordura ou manteiga e devem-se deixar tomar bem a côr para que a sopa fique escura. Deita-se em seguida água suficiente para a sopa, sal, pimenta, uma cebola, uma cenoura, um ramo de cheiros atados, para se poderem tirar quando a sopa está pronta, tirando-se também a cebola e a cenoura. Desfia-se a carne dos rabos de boi e engrossa-se um pouco a sopa com farinha de trigo torrada.

Sopa de abóbora

Cose-se em água, temperada de pouco sal, qualquer qualidade de abóbora, e quando cosida, tira-se da água e esmaga-se muito bem. A esta massa, acrescenta-se um pouco de leite, de maneira a ficar bem líquida. Leva-se a ferver durante dez minutos. Quando estiver para se retirar do lume, junta-se-lhe uma colherzinha de manteiga. Fazem-se uns quadradinhos de pão torrado e põem-se nos pratos antes de se lhe deitar a sopa.

Sopa de favas

Põem-se favas frescas a coser em água e sal, temperando-as com toucinho, um molho de salsa e coentros. Quando bem cosidas, deita-se o arroz, deixando coser. Prova-se para vêr se tem sal suficiente e serve-se.

Sopa de feijão à italiana

Põe-se a coser em água temperada de sal, feijão branco, e quando estiver quási cosido, junta-se um pedacinho de manteiga e casca de limão, deixando coser até que o feijão esteja cosido. Nessa altura junta-se-lhe aletria ou pedacinhos de pão fritos em azeite.

Portimão

A's 10 horas da manhã do dia 8 de Dezembro, «Dia da Imaculada Conceição», as Dirigentes e Filiadas desta Ala ouviram a Missa que a M. P. F., como nos anos anteriores, mandou celebrar. Durante o Santo Sacrifício 10 Lusitas entoaram alguns cânticos.

A's 15 do referido dia, foi inaugurada a Exposição de Berços e Enxovais, que a M. P. F. oferece anualmente a criancinhas pobres. Os artigos expostos representam o produto dum ano de afincado trabalho, e ninguém se poupa a sacrifícios para que, de ano para ano, aumente progressivamente o número de berços e enxovais que tanta alegria e confôrto levam a alguns lares. Este ano, devido a um maior número de artigos, a Exposição ocupava duas grandes salas. Numa delas encontravam-se os dois berços e respectivas roupas pertencentes ao Centro N.º 2 da Escola Primária Oficial. Um, todo côr de rosa pintado e decorado pela Ex.ma Sr.a Sub-Delegada Adjunta, era a cobiça das futuras contempladas. A côr suave da sua pintura, o lindo par dos alentejanos dansando, contrastava com o berço azul que a mesma decoradora alindou com uma mimosa cercadura de miósotis a condizer com a colcha, almofada e lençol, num arranjo desusado e fresco.

Por aqui, por ali, dispostas com gôsto, as confortáveis roupinhas que lusitas e infantas ofereceram e fizeram ajudadas por dedicadas Instrutoras, formavam um conjunto admirável que a todos muito agradou. A sala encontrava-se decorada com cabecinhas de bébés desenhadas e recortadas por uma das nossas vanguardistas. Os enxovais feitos e oferecidos por êste Centro foram 46, num total de 468 peças.

Na outra estavam expostos os berços e enxovais dos Centros n.º 1 e n.º 3, respectivamente do Liceu Infante de Sagres, e Escola Primária da Casa dos Pescadores.

O do Centro n.º 1 era lindo na sua côr creme. Foi pintado por uma das nossas chefes de castelo e decorado também pela Ex.ma Sr.a Sub-Delegada Adjunta com um gracioso Mickey. Prendia a atenção dos visitantes que o admiravam; assim como a sua linda colcha em crivo, trabalho muito perfeito duma vanguardista.

Os enxovais distribuídos por êste Centro foram 11, num total de 111 peças.

Por último, o do Centro n.º 3, um encantador barquinho pintado em azul mar e onde nada faltava para que o futuro ocupante, filho de um pescador, ao despertar para a vida se vá familiarizando com a âncora, mastros, vela etc... etc...

Este berço, pela sua originalidade, mereceu de todos os visitantes, que foram em grande número, especiais elogios.

Caravelas, barquinhos e andorinhas feitas em papel de lustro azul, que ornamentavam as paredes e reposteiros, tornavam a sala ainda mais graciosa.

A exposição esteve aberta ao público durante três dias.

No dia 11, o Sr. Presidente da Casa dos Pescadores, Capitão Tenente António Valeriano Gomes, acompanhado por Dirigentes e filiadas, procedeu à distribuição do berço e 6 enxovais num total de 87 peças.

Os restantes 3 berços e enxovais eram distribuídos no «Dia da Mãe,» 12 de Dezembro, perante numerosa assistência.

Finda a entrega, a Sr.a D. Júdite Gales, ilustre professora do Liceu Infante de Sagres, e Directora do Centro n.º 1, fez uma alocução sôbre puericultura e higiene, um belo trabalho extremamente aproveitável para o auditório presente, na sua maioria mães e crianças.

. . .

Maria Amélia F. J. F. dos Santos Nunes — Sub-Delegada da M. P. F.

Donativos—Da Ex.ma Direcção da «Casa do Douro» à Delegacia de Trás-os-Montes e Alto Douro: 2.000$00. Do Ex.mo Senhor Governador de Bragança à M. P. F. em Barqueiros: 100$00.—Da Câmara Municipal de Portimão à Sub-Delegacia da mesma localidade: 2.500$00.—Do Ex.mo Presidente da Casa dos Pescadores de Portimão ao Centro n.º 3 daquela Sub-Delegacia para ajuda da confecção dum berço: 150$00,

Os nossos melhores agradecimentos.

Guida
RAPARIGA DE HOJE

No seu quarto alegre, em frente à larga janela de onde avista as arvores florida que a primavera precoce toucou de côr de rosa e de branco, Guida pensa no que foram as últimas semanas da sua vida.

Estas semanas contam para ela, porque teve o seu primeiro contacto com as preocupações e com a dôr.

Numa tarde, ao voltar de casa de Luz, onde fôra fazer uma visita e encontrara esta e as tias de cama com gripe, ela, que nem sequer entrara, sentiu-se mal, tonturas e agonias, e à noite, quando beijou os pais, êstes notaram o seu calor excessivo. D. Elena foi buscar o termómetro que marcou os 39 graus que a gripe dispensava a todos que a tiveram, e Guida, que não se lembrava de estar doente, passou uns dias de mal estar com febre e tosse. Quando o médico autorisou que se levantasse, foi uma alegria, mas passados dois dias caía de cama João Manoel, e, no outro dia, os pais apareceram com febre. Guida, como é uma rapariga forte, acompanhada pelas criadas, teve, pela primeira vez na sua vida, que tomar o papel de enfermeira, que apesar da sua convalescença desempenhou com coragem e energia. Maria Adelaide vivia confinada no seu quarto, tal era o desejo de Guida de evitar que a pequenita, mais frágil do que ela, sofresse a terrivel gripe.

Mas de nada valeu o seu cuidado. Quando os três doentes começaram a melhorar, a pequenina apareceu com febre. D. Elena, ainda muito combalida, quiz por fôrça levantar-se, mas foi ainda a Guida que o médico, velho amigo da familia, entregou a pequena doente, que apresentava sintomas alarmantes que requeriam cuidados contínuos.

Guida conheceu as duras horas passadas junto duma doente querida, e avaliou quão profunda é a sua ternura por aquela irmãsinha que pela diferença de idade é quási uma filha. E como ela compreendia a inquietação da mãi, naqueles tristes dias em que a todo o momento esperavam uma complicação, que o médico temia. Dias negros na sua vida luminosa, mas dias em que houve também minutos duma grande doçura. O Sr. Albuquerque dera ordem de não receber ninguém e Luiz de Menezes tomou o habito de telefonar tôdas as tardes, a hora certa.

Guida, como que por acaso, estava sempre a essa hora perto do telefone e dessas conversas, que nos primeiros dias, quando o cuidado era intenso, se limitavam a umas preguntas e respostas rápidas sôbre o estado dos doentes, mas que pouco a pouco se foram alongando, guarda uma recordação muito doce.

O interesse com que o jóvem oficial se informava dos seus doentes dava-lhe a sensação duma suave companhia nos seus cuidados, e, embora a distância, sentia-se apoiada numa afeição muito sincera que compartilhava as suas preocupações e que com ela se alegrou ao constatar as melhoras e o restabelecimento dos doentes.

Os telefonemas foram-se alongando e Guida sentir-se-ia muito infeliz se todos os dias não retinisse alegremente a campainha do telefone.

Essas conversas nada tinham de extraordinário e não houve nelas uma palavra que fôsse de amor, no entanto, grandes coisas o seu coração adivinhara, e repassa na memória tôdas as palavras ouvidas.

Coisas banais para outra qualquer pessoa, mas para ela tão interessantes que a fazem sonhar à janela do seu quarto, vendo floridas as árvores dos quintais. E essas flores lembram-lhe também a linda viagem que fez ao Algarve.

Logo que o médico autorisou que saissem de Lisboa, o Sr. Albuquerque, a quem preocupava o estado de abatimento de D. Elena e de Maria Adelaide, que teve uma dificil convalescença, resolveu uma mudança de ares e partiram todos para o Algarve.

Não podia ser melhor a época para êste passeio.

Estavam em flor as amendoeiras e essas árvores, que pareciam enormes ramalhetes de noiva, naquela tarde linda, de temperatura deliciosa, davam-lhe a impressão de viver um sonho.

A estada em Monchique vivificou os doentes e, quando partiram para a praia da Rocha, já os maus dias estavam esquecidos; recuperado o apetite, tôdas tinham já outro aspecto. Que dias alegres passaram na praia e no seu simpático hotel! No entanto, Guida, embora apreciasse o lindíssimo passeio e reconhecesse o bem que estava fazendo à saúde de todos, quando chegava a hora a que costumava retinir na casa da Estrêla a campainha do telefone, sentia no coração a dôr duma saüdade, que não se satisfazia com um ou outro postal que a fidelidade de Luiz lhe fazia chegar às mãos com outros para João Manuel e para Maria Adelaide.

Esta sentia as saüdades do seu Tareco que tinha sido um fiel companheiro dos dias de doença e que agora passava a vida miando saüdosamente, segundo diziam as criadas nas suas cartas.

Mas o Sr. Albuquerque, que dispunha de trez semanas, resolveu aproveitá-las e assim visitaram Sines, com as suas histórias de moiras encantadas. Sagres, com a sua rocha, que evoca a miragem do Infante D. Henrique, o sábio sonhador que arquitectou em seus estudos a grandeza de Portugal pelos descobrimentos e conquistas. Faro e Portimão, e por tôda a parte se estendiam os campos floridos.

João Manuel tirou inúmeras fotografias, e na vespera à noite, Luiz de Menezes, que veio visitar os viajantes, teve um gesto que Guida não esquece. Ao ver um dos grupos em que Guida está muito bem, pediu-o a João Manoel, dizendo que seria uma recordação, quando longe da Pátria evocasse os seus amigos ausentes.

E ao dizer isto os seus olhos não largavam Guida, que corou intensamente. João Manuel, sorrindo, deu-lhe a fotografia.

E agora, nesta manhã tão clara e serena, em frente à janela, Guida pensa e medita no que foram para ela estas últimas semanas e sente que nelas viveu horas que a modificaram por completo. Não se sente já a criança para quem a vida era uma seqüencia de dias alegres e que os vivia sem reflectir.

Em dois meses amadurecera o seu espirito e sentia-se já uma mulher, pelos sentimentos vividos nos dias de inquietação, pelos dias de alegria da sua viagem, vendo aqueles que ama recuperarem a saúde e sentindo que mesmo a saüdade das suas conversas com Luiz serviam para pensar nêle e estudar a sua alma, estudando-se a si própria, e pensando se seria um sentimento sério, êsse que despertava no seu coração, ou apenas um entusiasmo de rapariga que se dissiparia com o tempo, como o vento dissipa o fumo dum fogo sem conseqüências.

E ao contemplar a luz clara, as árvores floridas na nova estação que começa, ela sente, que não é um vago sentimento pelo rapaz que lhe faz a côrte que a leva a pensar em Luís como companheiro duma vida inteira, mas sim a certeza que o conhecimento do seu carácter lhe dá de que êle será a alma da sua alma, vivendo com ela as horas felizes e alegres que há em tôdas as vidas e as horas dolorosas que são condição humana.

Sentia que apoiada no seu braço poderia trilhar com confiança a estrada da vida.

E foi como um acordar de sonho quando Maria Adelaide a chamou para o almôço e lhe veio contar que já tinha arrumado tôdas as suas coisas nas gavetas e tinha levado à Rosa a sua maleta para a guardar na arrecadação.

Quando se sentaram à mesa, D. Elena, olhando-a, preguntou:

— Que tens Guida, parece que estás na lua.

Guida sorriu e não respondeu nada. Nessa manhã ela compreendera a fôrça do novo sentimento que a dominava e a tornava mulher.

Maria d'Eça

TRABALHOS DE MÃOS

SACAS PARA AMÊNDOAS

Um presente vale pelo carinho que representa. Valorizemos, então, os nossos presentes, preparando-os com amor. É costume, na Páscoa, dar amêndoas. Aqui tendes umas lindas sacas para elas, em bordado regional português e cujas quadras poderão ser substituídas a vosso gôsto.

I

Lenço de linho, com bordado a ponto de cruz

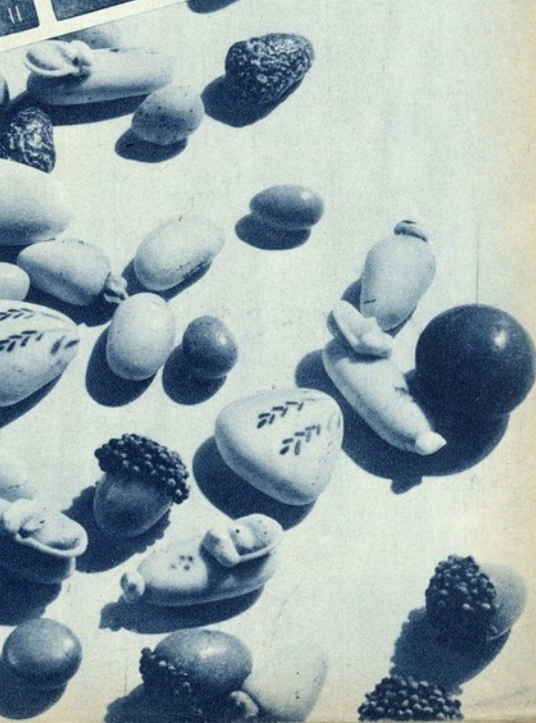
II

Bordado a lantejoulas, no género do Minho

III

Esta saca, em estôpa, poderá ser bordada a missanga e contornada a fio de oiro, ou com os desenhos bordados a cheio

IV

Bordado a lantejoulas

PARA LER AO SERÃO

por MARIA PAULA DE AZEVEDO

(Desenhos de GUIDA OTTOLINI)

UMA FAMÍLIA PORTUGUESA

(Continuação)

Joaquim embrenhou-se pelo mato, caminhando devagar, admirando a beleza daquela luz de sonho, aspirando aquele perfume balsâmico, feito de tôda a maravilhosa flora africana! Que beleza tudo aquilo!

Andou, andou, foi sempre seguindo; primeiro, acompanhando o lindo rio, depois, metendo por atalhos pitorescos e verdejantes que o atraiam duma maneira singular...

O sol estava alto, agora; e Joaquim pensou em voltar para junto da caravana. Qual dos atalhos seria o que ia ter à clareira? Onde estavam as margens do rio? Pareceu-lhe que reconhecia aquela enorme árvore de largas fôlhas luzidias, lembrando as da magnólia: viu, porém, outras árvores iguais... Além, aquele grupo de fetos altíssimos não seriam os que tanto o haviam encantado, perto da clareira? Joaquim andava para um lado e para o outro, para diante e para trás... E nunca apareciam as tendas da caravana! Chamou, gritou com fôrça: Uhh! Uhh! Nem o éco lhe respondia, abafado pela floresta o próprio som da sua voz...

O pobre rapaz sentiu confranger-se-lhe o coração. Sòzinho, numa floresta de Africa... Estava cansado, pois andara de-certo muitos e muitos quilómetros; e já o sol parecia começar a declinar. Se chegasse a noite que faria êle ali, naquele mato desconhecido, sem bùssola para se orientar, sem pão, sem água, sem fogo ou arma para se defender? A coragem, porém, nunca abandonava a sua alma aventurosa e crente.

— Estou cansado. Vou sentar-me naquele tronco que ali vejo — pensou. Sentou-se sôbre a grossa árvore, caida através do caminho. Apenas, porém, se acomodou sôbre o tronco, oh que sentimento de horror o acometeu de repente!... O tronco era o corpo repelente duma enorme cobra! Correu, apavorado e aflito, correu durante horas seguidas, sem rumo e, desta vez, cheio de mêdo...

Exausto, esfomeado, Joaquim deixou-se cair, enfim, perto duma enorme bananeira. Na certeza que de noite viriam as feras devorá-lo, estava resolvido a deixar-se morrer e preparou-se, com uma coragem heróica, para morrer bem. Ajoelhou-se, e murmurou: — Peço-te perdão, meu Jesus, pelas faltas que cometi. Por ter saído de casa da boa tia... Dá felicidade e saúde à Mãe, coitadinha, e aos meus irmãos todos, principalmente à Chica. Faz-me morrer sem sofrer muito, Jesus. Perdão! — Benzeu-se devagar...

As lágrimas cobriam-lhe a cara; e com a idéia de ser devorado por uma fera, o pobre Joaquim teve um soluço doloroso. Rezou ainda devotamente, com os olhos fechados, o Padre Nosso, a Avé Maria, o Acto de contrição; deitou-se então no chão e encostou a cabeça sôbre a mala.

. . . .

Na Missão de Hulambango estavam todos muito azafamados naquela manhã, inaugurava-se a nova escola de agricultura para rapazes, anexa à escola de trabalhos manuais das raparigas; e os bons padres missionários não paravam desde que nascera o sol. Havia, porém, horas, já, que todos esperavam a volta do padre Sousa, Superior da Missão. Partira muito cedo, acompanhado por dois pretitos de 17 e 18 anos, Simão e Vicente, para baptisar umas criancinhas gémeas que tinham nascido numa cubata de Xi-Xá e cuja mãe estava moribunda.

Os outros padres andavam apreensivos e já pensavam em preparar uma caravana para ir em busca do seu Superior, quando o rancho de crianças da Missão rompeu em grande grita.

Lá vinha, ao longe, envolto no seu hábito branco, acenando com os dois braços, e a sua longa barba branca alvejando ao sol, o santo padre Sousa, que todos ali adoravam e respeitavam. Mas que traziam aos ombros Simão e Vicente? Parecia um taboleiro feito de troncos e plantas...

Quando chegou à Missão, o Padre Sousa explicou:

— Encontrei no mato o cadáver dêste rapaz! Ao menos aqui podemos fazer-lhe um entêrro cristão, coitadito. O que me espanta — continuou — é que as hienas o não devorassem... Foi milagre, com certeza!

— Aí vem doutô! — gritou Simão, vendo aparecer o alta figura do doutor Aguiar, médico distinto, de passagem na Missão.

— Então quem é êste rapaz? morto?! — preguntou o médico. Sem esperar resposta, encostou a cabeça ao peito de Joaquim e, levantando-se bruscamente, exclamou:

— Não morreu. Já, já, para a cama! Botijas quentes! Alcool pela bôca abaixo! Vou dar-lhe uma injecção de esparteina.

E Joaquim, rodeiado de carinhos, entrou na enfermaria de Hulambango.

Passaram semanas. Sentado no pequeno jardim em frente da capela, junto a uma roseira trepadeira cheia de rosinhas encarnadas, Joaquim sentia-se feliz. Que vida calma era a da Missão!

Tocou uma sineta: e logo saiu da capela um enorme rancho de pretinhas, com lenços brancos nas cabeças encarapinhadas e acompanhadas, não só por duas Irmãs Missionárias, mas por uma encantadora rapariga, morena e bonita, aparentando uns 17 anos.

Sente-se, já, meu querido doente!

— E' a primeira vez que a vejo aqui! — murmurou Joaquim, levantando-se. Mas ficou espantado quando a rapariga, avançando para êle de mão estendida, exclamou a rir:

— Sente-se já, meu querido doente! Não me venha apoquentar com uma recaida, ouviu? — E carregando-lhe nos ombros, obrigou-o a deixar-se cair no banco.

— Mas eu não a conheço — disse Joaquim.

— Conheço-o eu; e é quanto basta! — replicou a rapariga, afastando-se com as Irmãs, que riam debaixo das coifas brancas.

Quem seria aquela linda rapariga? Tinha, sim, uma ideia vaga, muito vaga, de ver sôbre a sua cama, às vezes, curvar-se uma mulher... Seria esta? Seria uma Irmã hospitaleira?

Nessa mesma tarde, Joaquim contou ao Padre Sousa a louca história da sua aventura.

Quando Joaquim terminou a longa narrativa o Padre Souza pôs-lhe a mão na cabeça. Depois, olhou para os seus olhos honestos e disse, satisfeito:

— Fôste um louco; andaste mal; desgostaste a tua família. Mas não caiste no mau caminho: mostraste coragem e não perdeste a Fé em Deus. Vou hoje mesmo escrever à tua pobre mãe e tu juntarás à minha carta a tua; tens de pedir, bem sinceramente, o seu perdão!

— E depois? Manda-me embora? — preguntou Joaquim, com lágrimas nos olhos.

— Que queres tu fazer em Hulambango? — tornou o Missionário.

Joaquim levantou-se e, com desusada energia, respondeu:

— Deixe-me ficar um tempo, senhor Padre Sousa. Eu tenho sete anos de liceu, sabe? E queria ficar em Africa a trabalhar. Deixe-me aprender agricultura na sua escola, sim? E depois, quando eu souber, arranjo terras, cultivo-as, ajudo a Missão...

— O que aí vai, o que aí vai... — riu o Padre Sousa. — Que mais queres, criançola?

— E diga-me, senhor Padre Sousa, quem é aquela rapariga que me chamou o seu doente e que eu não conheço?! — preguntou o rapaz.

— Não conheces a Mariazinha Medeiros, filha do Rodrigo de Medeiros e da boa Cristina,(a) protectora da Missão? Não a viste a perder noites por tua causa ao lado da Irmã Maria da Luz?

Joaquim, comovido, murmurou:

— Mariazinha Medeiros... E minha prima!

— Pois, mais do que nós, foi ela que te salvou, Joaquim! Vamos agora escrever para Portugal. Parte depois de amanhã um vapor de Luanda, mando esta tarde as nossas cartas. E conforme a resposta, assim se resolverá a tua vida e o teu futuro. Visto que os Medeiros são ainda teus parentes vou já escrever ao Rodrigo dizendo que estás aqui na Missão; verás como êle vem logo vêr-te, Joaquim!

E assim sucedeu.

Rodrigo de Medeiros nem um momento hesitou em ir ver Joaquim.

— Vens comigo para o Uigi, Joaquim; não falta lá que trabalhar e trabalhar a valer! Até estou certo que foi a Providência que te guiou para aqui: pois eu precisava dum ajudante, novo como tu, e... branco! — acrescentou, risonho.

(Continua)

(a) — V. Ana vem a Portugal (Bertrand)

CHÁ DA COSTURA

— Ah, meninas, estou entusiasmada com as idéias da Wanda! — exclamou Joana.

— Mas quem vem a ser a Wanda? — preguntou Alice.

— Não sabes quem é a Wanda?!! — tornou Joana, meio-ofendida.

Clara sabia e explicou.

— E' aquela russa excêntrica, que anda sempre de pijama pelas ruas do Estoril.

— Chiquíssima é que ela é — disse Joana — E de uma inteligência estupenda! Propoz-me que organizássemos uma grande sociedade para olhar pelos pobres, promovendo festas de caridade constantes, bailes, passeios, jogos, vendas...

— Essa Wanda não inspira muita confiança, Joana — observou Maria José.

— Há pessoas para quem os pobres, coitados, são o pretexto para se divertirem — disse Clara.

— Não conheço a tal russa — disse Alice — mas se as ideias dela forem boas e realizáveis...

— São formidáveis, fiquem sabendo — gritou Joana — Fundar uma creche, um dispensário, um recreatório...

— Sabes tu, Joana — tornou Clara — para bem organizar essas obras, duma maneira sensata e prática, com estabilidade, sobretudo, é preciso deitar para traz tôda a frivolidade, tôda a inconstância, que, infelizmente, é habitual em raparigas do género da Wanda Karloff.

Conheces bem a Graça, não conheces?

— Quem a não conhece, Clara! — disse Maria José.

— Mas essa vive sempre encafuada no Alentejo, em cascos de rôlhas; que faz ela de interessante? — preguntou Joana...

— Não sabes? — tornou Clara — pois vou dizer-te, em duas palavras, o que tem sido a obra da Graça. Num barracão abandonado que lhe cederam, caiado, arranjado, embonecado, a boa da Graça instalou há anos uma Creche. As pessoas da terra dão-lhe dinheiro, géneros, roupas; e ela dá... tudo o que tem, a bem dizer. E dá, sobretudo, o seu coração, a sua alma!

Com os cuidados pelos filhos, vai moralizando os pais; sem alarde, sem espalhafato, trabalhando na sombra, com a sua admirável e forte tenacidade!

— Nunca julguei que a Graça fôsse assim.. — murmurou Joana.

— A sua obra hoje é formidável, fiquem sabendo! O barracão foi transformado numa casa risonha; a pequenada ri, canta, aprende... Que alegria reina naquela Créche Branca, como se chama!

— E se nós nos metessemos numa coisa dessas? — lembrou Joana, pensativa.

— Ora a vante! Portuguesas! — cantou Alice, com a música da Maria da Fonte.

— Não é impossível, meninas; e podemos começar a pensar nisso! — concluiu Clara.

— AVISO —

Êste «aviso» melhor se chamaria *Informação.*

Venho dizer às minhas queridas leitoras que apenas acabe a *Família Portuguesa*, um novo romance escrevi para elas que espero lhes há-de agradar:

Maria Rita, solteira, é o seu nome. E muito gôsto me darão se alguma vez me escreverem as suas críticas ou as suas impressões bem sinceras.

CARTA ÀS RAPARIGAS

Se as raparigas soubessem avaliar quanto mais simpáticas se tornam sendo delicadas com todos! Infelizmente, porém, se, de facto, há muitas excepções, abundam na nossa querida terra as meninas que respondem por favor às preguntas que lhes fazemos, que nos olham desdenhosas, ou que emitem as suas opiniões com uma autoridade que às vezes nem as «autoridades» se atrevem a ter!!

E eu recordo sempre o que dizia, com espírito, uma tia minha: «Quem te dera a ti ser quem tu julgas que és!»

Também lhes direi que, por muito bonita que seja uma rapariga, se lhe faltar a bondade, a paciência para ouvir os mais velhos, a delicadeza na maneira de responder, a «boa educação», emfim, essa rapariga nunca terá sucesso na vida.

Há certas faltas de delicadeza que são tão vulgares cá em Portugal que frizam a «inconsciência»! Por exemplo, o facto de se deixar uma carta sem resposta: que absoluta falta de educação! Infelizmente, porém, é um caso vulgaríssimo, repito, que muitos consideram natural. Dantes,

há muitos anos, havia um certo número de coisas, essenciais e indiscutíveis, na educação da gente nova: se uma pessoa de respeito deixava cair qualquer objecto, a criança bem educada apanhava-o, ia-se falar às pessoas de idade; dava-se-lhe o lugar se estava em pé; nunca se passava adiante. etc., etc.

Como tudo isto vai longe... Hoje, com pena o digo, a maioria dos novos... ignoram ou desprezam a boa educação! E assim se vai perdendo, em Portugal, aquilo a que se chamava a finura!...

Queridas raparigas pensem no que hoje vos digo: não queiram nunca... ser ordinárias de maneiras.

MARIA VAI CASAR

Decididamente, Martha — disse Maria, entrando na salinha da irmã — não posso decidir-me a concordar contigo no capítulo dos filhos, e entendo que é um verdadeiro desastre... quando êles chegam nos primeiros anos do casamento.

— Oh Maria! — exclamou Martha, com calor — quem seria a nefasta pessoa que tal disparate te meteu na cabeça?!

— Se queres que te diga, quási tôdas as minhas amigas são dessa opinião. E consideram felicíssima a Conceição, casada há seis anos e sem bébé!

— Que pobresa de alma, a das suas amigas... — respondeu Martha, com sincero dó — Assim, o fim natural da vida, o ideal da existência do lar cristão, a *razão de ser* da união santificada do homem com a mulher, tudo isso é para vocês, coitaditas, letra morta?!! — e Martha olhou a irmã com tal expressão de espanto triste que Maria, quási envergonhada, tornou:

— Estás a exagerar, Martha! Então não há milhentos lares cristãos, e até felicíssimos, onde os filhos nunca fizeram falta? Não há casais que se adoram e não tem filhos?

— Tudo isso existe, bem sei — tornou Martha — Mas podes crer, Maria, que se êsses casais de que falas são puramente, sinceramente, *cristãos*, lamentam que os filhos não tivessem vindo dar vida *mais intensa*, mais racional, mesmo, ao lar. Os filhos são sempre, sempre, o *complemento* da felicidade conjugal.

— Mesmo quando o lar é pobre, e faltam os meios para os sustentar?

— Sempre, Maria, crê no que te digo. E se os meios escasseiam, maior terá de ser o esfôrço dos pais para os obter, para os aumentar, para os poupar...

— Mas...

— E que interesse, no decorrer da vida, acompanhar essas outras vidas que são nascidas da nossa, não só pela *«Lei da carne e do sangue»* como diz o Evangelho de S. João, mas formadas pelo nosso espírito, pelo nosso amor, pelo nosso coração... — e Martha, pensativa, calou-se, olhando a cabeça da irmã, inclinada sôbre a sua costura.

Depois dum momento, Maria disse, simplesmente, sorrindo a uma visão futura:

— Talvez tenhas razão, Martha. E uma família unida e numerosa, com saúde, inteligência, sentimentos cristãos, representa, de certo, a maior felicidade que pode haver no mundo!

Eduardo Nogueira — Evora

COLABORAÇÃO DAS FILIADAS

O TRIGO

Chegaram os ardentes calores do estio e os pais de Luizinho vão com êle passar esta época calmante para um campo próximo da cidade.

Numa manhã, muito cedo, mal o sol se erguera e aparecera por detrás duma colina a acariciar a terra com os seus raios brilhantes, alegres gargalhadas acordam Luizinho em sobressalto.

Levantou-se e foi à janela. Era um enorme rancho de rapazes e raparigas que se dirigiam à planície. Intrigado, chamou a mãe e preguntou:

— Mãezinha, que vai esta gente fazer tão cedo para o campo?

— Vão para a ceifa do trigo, meu filho.

— E o que é a ceifa do trigo, mãe?

— A ceifa, por assim dizer, é a morte do cereal que acolá estás a ver. Lá baixo, não vês o campo muito loiro? — é o trigo que vai ser ceifado para depois de muitas transformações vir a dar o pão que nós comemos e a Hóstia que se ergue à Consagração.

— E que transformações sofre o trigo?

— Mal pensas tu, filho, o trabalho que dá ao homem e as transformações que o trigo sofre até chegar a pão.

— Gostava tanto de saber, mãezinha!... Não me explicas!?...

— Está bem, Luizinho, é bom que saibas para poderes avaliar o trabalho que o pobre camponês tem.

— Primeiro que tudo, mal se aproxima o Inverno, os campos são lavrados para se poder lançar à terra os bagos de trigo. As chuvas alimentam as terras e passado tempo começam a surgir umas ervinhas verdes.

— O' mãe, essas ervinhas são o trigo que já vai nascendo?

— São, sim, filho. Durante o Inverno e a Primavera o verde trigo cresce; porém, no Verão, debaixo do sol ardente, as cearas amadurecem, transformando-se num lindo amarelo doirado. E' então que os grupos de rapazes e raparigas se dirigem aos campos para a ceifa. São êstes grupos os mesmos que há pouco viste passar.

Ceifado o trigo, é depois feito em molhos que são transportados em grandes carros de bois para as eiras. Aqui é espadelado, isto é, lançado ao ar em dias de vento, por meio de pás, para separar o grão da palha. Esta é arrastada pelo vento, ficando o trigo em monte. Depois ainda é joeirado para ficar de todo limpo.

Como vês, só agora se obteve o grão; mas ainda não é tudo. Na eira é levado em sacos para o moinho onde sofre o pior martírio — é esmagado por duas grandes mós de pedra, que o reduzem a farinha. Esta farinha, assim obtida, fica muito grossa, sendo necessário para o fabrico do pão peneirá-la, que é passá-la pela peneira com o fim de se obter uma farinha mais fina.

— Ainda dá muito trabalho até chegar a pão, mãezinha?

— «Não, filho, falta pouco. Esta farinha é depois amassada, levedada e finalmente tendida para ir ao fôrno coser. Só agora se obteve o pão. Gostaste da explicação, Luizinho?

— Gostei, mãezinha, muito obrigado. Fiquei agora sabendo avaliar o trabalho que dá o fabrico do pão e as transformações que o loiro trigo sofre.

Maria de Lourdes Pires Graça Calado
Filiada n.º 10.960 — Centro n.º 1 — Ala de Faro

"Se nós incarnamos a felicidade no dever, a felicidade é perfeita, porque o dever é constante"

Rapariga! Porque nunca sorris? Andas triste, acabrunhada, abatida e admiras-te da alegria de algumas. Não és feliz? Esse Sol, que ilumina as almas, não aquece o teu coração, não perfura essa núvem negra que entenebrece o brilho da felicidade? Não sentes a chama da juventude arder no peito? Não te impulsiona o sangue jóvem das veias, o jóvem sangue de um coração ansioso de se expandir? Não tens necessidade de olhar para o alto, cabeça erguida, a vislumbrar o infinito? Não te é inveja a buliçosa e alegre vida da mocidade? Não ris, não saltas, não brincas, não cantas, não procuras a alegria... Porquê rapariga?

....

— Cumpres o teu dever?

— Sim, porque sou estudante e preparo sempre as minhas lições; sim, porque sou operária e trabalho proveitosamente; sim, porque sou agrária e todo o dia lido no campo; sim, porque sou independente e trato dos trabalhos domésticos.

— Oh! rapariga! O teu dever está muito restringido!

Quando contemplas o céu infinito, o mar infinito, o Sol, as avesinhas, as crianças, pensas que os amas?

Nunca te pareceu que o Sol raiava em plena noite, porque a lua tinha um fulgor mais vivo, uma luz mais intensa? E isso não te despertou qualquer sentimento nobre? Nem admiraste tam pouco, nas águas espelhantes de algum mar, rio, ribeiro, lago... até regatozinho? E não pensaste que os amavas?

Encontraste já uma vèlhinha encarquilhada, um pedinte andrajoso, uma criança aos baldões da sorte, uma alma abatida, outra desesperada, e foste o bálsamo, a luz que fez desvanecer o pranto, a dôr, o desespêro?

Jámais sentiste o desejo de dar à tua vida, por símbolo, uma cruz coberta com uma grinalda de rosas?

Pois isto — e tanto mais! — é que constitue o teu dever.

Olha à tua volta; olha dentro em ti; vê o que tens para amar, para servir, para cumprir: o dever — o dever constante.

Cumpre-o; ainda que com sacrifício; cumpre-o e cumpre-o dinâmicamente.

Assim como do fundo negro despertam as estrêlas, assim dêsse sacrifício nascerá a felicidade — a felicidade perpétua.

Filiada n.º 10.933 — Centro n.º 1 — Ala n.º 1

Portugal!

Queria em versos formosos,
Descrever a tua história,
Que é bela e cheia de glória,
Com homens mui valorosos.

São tantos que nem eu sei,
De quais te hei-de falar,
Valentes como sonhei,
Homens de letras, do mar.

Pus-me a pensar e afinal,
num «grande» vos vou falar,
Que lutou por Portugal
E o soube também cantar.

Seu livro é cheio de encanto
Testemunho de grandeza,
Ele é todo um encanto
A Bíblia Portuguesa!

Poema de devoções
que é para sempre imortal,
Livro do grande Camões,
Glória de Portugal!

Como Camões, muitos mais,
honraram com seu valor,
o berço dos nossos pais
sua história é um esplendor.

Branca Mota